

my chemical romance
THE BLACK PARADE

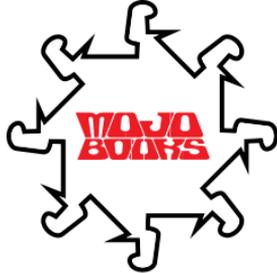
recontado por
MÁRCIA LIMA



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

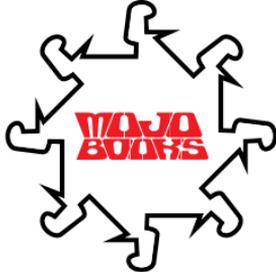
Danilo Corci
organizador



VOLUME 41

THE BLACK PARADE
my chemical romance

recontado por
MÁRCIA LIMA



VOLUME 41

THE BLACK PARADE
my chemical romance

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Setembro de 2007

CAPÍTULO UM

— Tu pode processar a Philip Morris.

Quem disse isso foi o dono do mercadinho. Eu não estava bem certo de como ele sabia da história toda, uma vez que nunca trocamos mais do que duas palavras. Geralmente nossos diálogos eram:

— Um Marlboro vermelho.

— Dois pilas. Algo mais?

— Só. Obrigado.

Eu nunca tirava meus fones de ouvido, então não sei se ele falou mais alguma coisa. De qualquer forma, só ouvi a parte do processo.

— Não faz diferença. Dois pilas, né?

Como sabia a resposta, larguei o dinheiro no balcão, agradeci e fui embora. Precisava pagar a luz, ligar pros guris da loja, dar um pulo na biblioteca. E não podia esquecer do hospital. Os exames estavam prontos e, querendo ou não, eu precisava buscá-los. Eu, definitivamente, não queria.

Fones no ouvido, peguei o caminho pela orla. Passei



por umas trezentas lotéricas, mas acabei não pagando. A curiosidade sobre os exames dizia que era melhor passar no hospital primeiro. Era um paradoxo, na real. Eu não queria ir até lá. Ou talvez quisesse. Não é fácil ser um bipolar.

O hospital público de Porto Alegre é feio. Muito feio. E alto. Muito alto. Como cheguei antes da hora marcada, resolvi ir até o terraço pra fumar um cigarro. Pelo visto eu não fora o único a ter esta idéia. Em um canto estava a garota, médica ou algo do tipo, uma vez que vestia branco dos pés a cabeça e não estávamos num terreiro de umbanda. Eu não sou do tipo que puxa assunto com garotas. Ok, sou do tipo *loser* total. Mas achei bem apropriado, uma vez que ela não ficaria ali por muito tempo. Estava pensando em se matar. E viu quando eu cheguei.

— Eu sei que você vai dizer que a vida é ótima e não devo desperdiçá-la e blá, blá, blá...

— Na verdade, eu ia dizer que pular do alto de um prédio é um tanto clichê e que não será muito saudável pra imagem do hospital.

— Como se eu me importasse com este inferno.

— Posso apostar que não.

— O que tá fazendo aqui em cima? É proibido, sabia?



— Não sabia. Vim só fumar um cigarro e matar o tempo.
Com o perdão da expressão, é claro...

Ela riu.

— Espero não estar atrapalhando...

— Na verdade, já atrapalhou. Não posso me jogar com você aqui em cima, posso?

— Provavelmente serei considerado culpado e enviado direto pra cadeia.

— Seria bom. Meus pais não me considerariam uma suicida, não ficariam deprimidos. Faria isto por mim?

— Nem que você implorasse de joelhos.

— Já não se fazem pessoas solidárias como antigamente.

— Nem médicas como antigamente.

— Médica? Tu achas que eu sou médica? Eu sou só uma enfermeira fodida.

— Ah.

— Tá esperando alguém? — ela perguntou voltando-se pro lado onde eu estava.

Eu salvei uma suicida e não havia uma só pessoa pra testemunhar e escrever isso em minha biografia.



CAPÍTULO DOIS

— Não. Tenho de pegar o resultado de uns exames...

— O que você tem?

— Bom, eu tenho de buscar os exames. O que significa que não sei, né?

Ela fez uma cara engraçada.

— Tá, foi pergunta besta. Mas o que você tem? Só me parece um pouco pálido...

— Estou perdendo peso, o que é bom. Mas tem sido tão fácil de perder que só pode ser algo ruim - falei rindo.
- E tenho umas dores de cabeça. Fico cansado com qualquer coisa...

— Ah. Deve ser só anemia, nem esquentar com isso.

Não era anemia. Minha mãe havia diagnosticado o mesmo e foi ela quem praticamente me obrigou a fazer um exame de sangue no posto perto da minha casa. O exame dizia que tudo estava perfeitamente normal. O que, obviamente, não poderia ser verdade. E não poderia ser AIDS. Uma vez que eu não, ahn, como dizer... não havia feito sexo. Sim, eu já disse que sou o



maior *loser* de Porto Alegre. E tenho pavor de agulhas e drogas pesadas. AIDS estava fora da lista.

Mas eu não queria seguir com esta conversa, então concordei. “É só anemia, sim. Claro.” Como não era todo dia que eu trocava mais do que duas frases com uma garota que não fosse minha irmã, não quis desperdiçar a chance.

Já que atrapalhei teus planos, posso oferecer um café ou algo do tipo?

— Bom, como você atrapalhou meus planos tenho de voltar pra minha maravilhosa vida de enfermeira e para meus maravilhosos doentes terminais. Um mundo incrível de desesperança. Obrigada por isto.

Ela riu. O impressionante sobre a guria é que ela falava destas coisas horríveis e depois sorria de uma forma tão bonita...

— Mas, enfim, trabalho pelas próximas quatro horas.

— Posso passar aqui depois?

— Pode. Eu fico ali do outro lado, perto do cachorro-quente.

— Tá. Então, até depois.

— Até.

Ela voltou pra ala dos pacientes terminais que, ironicamente, ficava no último andar e eu desci um lance de escadas para pegar os tais exames. Foi quando me dei conta de que nem



sabia o nome dela. “Parabéns, Júlio. Tu não presta nem pra se apresentar, cara” foi meu pensamento.

O engraçado sobre hospitais públicos é que, por mais atrasado que tu esteja, eles sempre te fazem esperar ainda mais. Assim, fiquei lá sentado ouvindo música na sala de espera. Finalmente o médico chamou.

— Júlio Rodrigo da Silva Flores.

Era uma daquelas horas em que realmente detestava meus pais. Alguém pode me explicar por que, diabos, as pessoas dão nomes compostos aos seus filhos? Não tem nada mais humilhante do que um nome composto. Como não podia enfiar a cabeça em nenhum buraco, me levantei todo desajeitado e entrei na sala.

— Oi.

— Boa tarde, meu jovem.

Pegou minha ficha e olhou pra mim com uma cara séria.

— Então, vejamos seus exames... Fumante, sedentário, asmático, bipolar... você não é meu paciente mais saudável... dezessete anos?

— Aham. Dezoito mês que vem.

— Hum.

“Hum”, uma interjeição que os médicos não deveriam usar.



O que supostamente ele quer dizer com “Hum”?

— Bom, Júlio. Esta não é a parte mais fácil do meu trabalho. E eu já estou na medicina há mais tempo do que você está na Terra... Você tem um melanoma maligno em estágio intermediário.

Algo chamado maligno assusta bastante, mas eu não entendi de imediato que ele se referia ao câncer.

— É muito grave?

— Bom, é um câncer de pele.

— Mas como, se eu sou branco como um papel? Nem lembro da última vez que estive numa praia. Não pego sol nem nada... Tem certeza que é meu exame esse aí?

— Receio que sim. Veja bem, o melanoma pode ser genético. Não é exclusivo de quem torra no sol, sabe?

— Pôxa... se fosse câncer de pulmão eu não ficaria surpreso. fumo desde os treze anos...

— Pode ser um dos agravantes.

— E o que eu faço? Digo, tem cura? Desculpa, eu estou mesmo muito surpreso.

— Claro, isso é totalmente compreensível.

Ele ficou horas falando sobre tumores, pintas e sabe lá o que mais. Eu não prestava atenção. Minha cabeça estava na



garota cujo nome eu desconhecia. “Será que ela pensou que vou buscá-la de carro?” Porque eu não tenho carro e imaginei que poderíamos caminhar até uma cafeteria. “Só espero que ela não seja do tipo que se liga em carros.”

— Júlio? Oi? Júlio?

— Ah, desculpa. Me distraí.

— Eu sei que não é fácil. Mas tu és um guri novo e temos grandes chances de consertar isto.

— Aham, tomara.

— A próxima providência é marcar a cirurgia.

Ele rabiscou algo ininteligível.

— Não se desespere, trataremos disto.

— Obrigado.



CAPÍTULO TRÊS

Não voltei pra casa. Minha mãe teria um troço quando eu contasse. Passei na lotérica pra pagar a luz. A guria do caixa, toda simpática, tentou me vender um bilhete:

— Leva. Tô sentindo que hoje é teu dia de sorte.

Eu não gosto de ser antipático e pensei que soaria irônico quando falei:

— Sim, acabo de descobrir que tenho câncer.

A pobre atendente ficou sem jeito. Se estivéssemos num desenho, seu rosto teria quebrado em mil pedaços e caído sobre as moedas.

— Ai, me desculpa. Eu sinto muito.

— Capaz, não esquentá.

— Mas, bah, desculpa mesmo.

— Tá tudo bem. Me vê um número aí. Pode ser que você esteja certa, afinal o dia ainda está na metade.

Ela já não sorria como antes. Estava claramente envergonhada. Me despedi e saí. Os guris da loja provavelmente estavam esperando pela minha ligação, mas eu não estava no espírito de



defender Ringo Star na discussão eterna sobre “o beatle inútil”. Resolvi ficar pelo Parque da Redenção mesmo. Ainda faltavam duas horas e meia até encontrar com a enfermeira sem nome e eu tinha meu *iPod*.

Não demorou muito e logo chegou a hora de voltar para o hospital. O diagnóstico do câncer parecia distante. Voltei e ela estava, de fato, ao lado da carrocinha de cachorro-quente.

— Oi, de novo – falei meio tímido.

— Oi. Achei que tu nem virias.

— Nem sequer nos apresentamos... fiquei curioso...

— Verdade. Meu nome é Mariana.

— Eu sou o Júlio, prazer.

— Prazer.

— Desconfio que você não tenha voltado ao terraço...

— Até voltei, sabe? Mas como não sabia teu nome... não queria deixar algo inacabado...

— Oh. Então foi um erro eu ter me apresentado, suponho.

— Você ainda me deve um café.-ela falou, rindo.

— O que te garante mais algumas horas de vida.

— Exato!

— Que acha de tomarmos o café lá na Usina?

— Ai, estamos a quilômetros!



— Não, são só umas quadras.

— Tá, vamos...

— O que tu está ouvindo?

— Nada. Não consigo conversar e ouvir música ao mesmo tempo.

— Ah. Então tu não te importa de tirar os fones? Fico agoniada de falar com alguém com fones, mesmo sabendo que o som está desligado.

Ela estava pedindo um cigarro quando seu telefone tocou. O que era bom, afinal eu poderia pensar em alguns assuntos para falar depois que ela desligasse. O problema é que eu já havia pensado em dúzias de assuntos e ela simplesmente não parava de falar. Por mais que eu não quisesse ouvir o assunto - ok, eu queria - era impossível não ouvir. E era impossível entender o que ela estava conversando.

(...)

— Sim, vou no jantar. Claro!

(...)

— Mas tu sabe o que vai ser?

(...)



— Faz assim. Dá o telefone daquele sítio pros guris. Senão, nem precisa contar comigo.

(...)

— Porque lá eu sei que as galinhas são felizes, cara!

(...)

— Sim, eu sei. Vocês são uns amores. Até mais então. Beijo!

— Me desculpa por isso. Odeio atender telefones, mas tinha de atender esta ligação...

— Sem problemas.

A esta altura dos acontecimentos, já estávamos na esquina da Usina. Entramos, ela pediu um *capuccino* e eu, um expresso. Eu realmente estava curioso sobre o telefonema, mas não queria parecer intrometido. Resisti o quanto pude.

— Não posso deixar de perguntar. Qual é a da galinha feliz?

Ela deu uma risada, acendeu mais um dos meus cigarros e me olhou com gravidade.

— É que estão organizando este jantar dos enfermeiros e eu sou vegetariana. Minha condição é a de que não haverá carne. E não vou chiar com as receitas que incluam ovos. Contanto que sejam deste sítio, onde eles tratam os bichinhos super bem.



— Ah, que tri.

Ela falou sobre seu “vegetarianismo”, sobre as teorias de que tudo bem comer ovos, porque eles eram como abortos para as galinhas. Era diferente de cortar o pescoço do bicho, por exemplo. Não quis entrar na discussão, então deixei pra lá. Não era o tipo de assunto que mais me interessava naquele momento. Os cafés chegaram, ela falou sobre seu trabalho. Era recém-formada num curso técnico de enfermagem, tinha vinte e um anos e sua experiência era apenas com doentes terminais, o que não fazia dela a pessoa mais animada do mundo. Pelo que pude entender, ela não conseguia lidar com tanto sofrimento. Não poderia trocar de ala pelos próximos meses por algum motivo irrelevante do contrato. E não poderia sair do emprego porque precisava ajudar os pais aposentados. Comecei a desconfiar que não fizera muito bem ao resgatá-la do terraço.

O sol estava se pondo e era realmente bonito de se ver do ponto onde estávamos. Não estou falando metaforicamente. É que estávamos nas mesas que davam para o Rio Guaíba.



CAPÍTULO QUATRO



O que dizer da Mariana? Bom. Ela era uma guria muito esquisita. Tinha olhos enormes que me lembravam os desenhos japoneses. E um cabelo um tanto *mod*, pintado de preto. Era um pouco menor do que eu, mas também era alta. Parecia muito mais jovem sem aquela roupa de hospital. Usava *All Star*, calça jeans e uma camiseta preta. Não era fisicamente estranha. Mas, às vezes, parecia distante do mundo e tinha aquela mania de dizer coisas tristes e depois abrir um sorriso como se nada tivesse acontecido. Seu gosto musical também não era lá essas coisas. Mas era gente fina. Quando ficávamos em silêncio, não era constrangedor, nem nada. Ela não perguntava nada sobre mim. Não quis saber onde eu morava, o que fazia ou quantos anos tinha. Não quis nem saber qual era o resultado do exame. A única pergunta que me fez foi aquela sobre o que estava ouvindo. Esquisita, como eu já disse.

Mas, de qualquer forma, eu não queria falar sobre nada daquilo, então não foi de todo mal sua falta de interesse. Eu precisava voltar pra casa. Era noite e minha mãe ficava aflita

se não tivesse notícias. Ela já não estava muito bem há alguns anos, então eu respeitava suas vontades.

— Tu mora aqui perto?

— Sim, ali na Andradas. E tu?

— Na Bento.

— Somos praticamente vizinhos, então.

— Escuta, tu trabalha amanhã? A gente poderia tomar outro café, sei lá...

— Trabalho. Sabe como é... final de semana é trabalho dobrado...

— Oh sim, entendo.

Eu não entendia. Como poderia saber se raramente freqüentava hospitais? Acabamos marcando de nos encontrar no domingo e passar o final da tarde no parque. Deixei-a na porta do prédio e lembrei que ela não poderia se matar porque mais uma vez tinha algo inacabado. Ela achou graça. Achava graça de tudo, na real. E me deu um beijo na bochecha. Eu, *loser*, fiquei com cara de bobo e fui para casa.

Minha mãe não estava em seus melhores momentos e tudo que eu não queria era piorar sua situação com uma notícia deste tipo. Então eu disse que não havia nada de errado, exceto meu colesterol que estava um pouco alto. Ela me fez jurar que



não comeria nada gorduroso. Fui pro quarto me sentindo a pior pessoa do mundo. O que mais eu poderia fazer, afinal?

Fiquei deitado no meu colchão sem cama, olhando pros cartazes na parede. Apenas gente morta. Eu não havia me dado conta, mas de todos aqueles caras na parede, apenas três ou quatro estavam vivos: Paul McCartney, Ringo Star, Dave Grohl. Não estava certo quanto ao Krist Novoselic, então o considerei morto.

Logo minha mãe foi até o quarto. Eu não estava muito interessado naquela conversa de sempre. Não que estivesse pirada, mas ela esquecia de algumas coisas, misturava assuntos, relembrava fatos que não aconteceram. Nessa noite, ela resolveu falar sobre meu pai. Enquanto minha mãe falava das gravatas dele e de como ele era um homem charmoso, eu pensava no desfile. Ele morreu quando eu tinha seis anos. Esteve doente por onze anos seguidos, de modo que já não temia pela morte. Na verdade, ele era dono de uma idéia muito curiosa sobre a morte, como me contou em nosso último dia juntos. Era 7 de setembro e ele me levou ao desfile. Como era o maior do estado, Porto Alegre parava. Aquele era o acontecimento do ano. Eu queria desfilar com a turma da minha pré-escola, mas ele achou melhor não. Ficamos sentados, apenas observando. Até que ele disse:



— Júlio, tu sabes que em pouco tempo eu vou ter de deixar a ti e a tua mãe, não sabes?

Ele era o único porto-alegrense que conheci que conjugava a segunda pessoa corretamente.

— Não dá pra ficar mais, pai?

— Não, filho.

— E quando vai ser isso?

— Eu não tenho certeza. Mas sei que vou embora num desfile muito parecido com este. A diferença é que todas as pessoas se vestem preto.

— Por quê?

— Isso eu não sei. É dessa forma que eles buscam as pessoas doentes. Mas tu não precisas temer, Júlio. Assim como neste desfile que estamos vendo agora, tudo é muito bonito. Porque as pessoas já sofreram bastante enquanto estavam doentes, então elas sabem que quando a banda marcial chegar, quando a parada chegar, a dor vai embora.

— Então é bom, né, pai?

— Deve ser ótimo não sentir mais dor, filho. Mas ficar longe de vocês é o que me preocupa.

Ele me deu um abraço. Talvez pra disfarçar as lágrimas que surgiam. O fato é que, a partir daquele dia, eu sabia que não



precisava ter medo da morte.

A lembrança sumiu quando notei que minha mãe ainda estava falando:

— E os sapatos? Filho, ele era tão complicado para encontrar sapatos de que gostasse...Ela continuaria falando sobre isto a noite inteira. Eu não comentei sobre a parada. Tinha suas próprias crenças e não mudaria. Passada meia hora, seu relógio despertador tocou para avisá-la dos remédios. Deu-me um beijo de boa noite e saiu.

Apaguei a luz e liguei o *iPod*. A lua estava cheia e, apesar da janela fechada, a iluminação era suficiente para que eu voltasse a prestar atenção em todos os mortos da parede. Pensei em Brian Jones, Lennon, Cobain. Caí no sono antes de chegar à quinta música.

CAPÍTULO CINCO

No sábado pela manhã, vi minha irmã plantada no computador. Minha mãe estava assistindo algum programa sofrível. Não sentia fome então troquei a camiseta e saí para buscar cigarro. Deixei o rádio desligado, porém mantive os fones. Se o dono do mercadinho viesse com alguma adivinhação, eu ouviria desta vez.

Pedi um Marlboro e o bandido não disse uma palavra. Larguei os dois pilas no balcão e saí. Passei na loja dos guris que, naturalmente, estavam putos comigo porque não dei notícias e eles precisavam dos desenhos com urgência. Meus desenhos. Nem mesmo me fizeram defender o “beatle inútil”.

Ok, eles tinham um bom motivo pra me ignorar. Os desenhos eram pra capa do disco deles e deveriam ter sido entregues uma semana antes. Mas eu não conseguia pensar em nada que combinasse com um nome tão ridículo como Trouxas da Macedônia. Ninguém, além dos próprios integrantes, levava a banda a sério. Eu não queria meu nome no encarte de um disco como este, mas concordei porque, afinal, éramos amigos.



Eu fiz os desenhos e ficaram muito apropriados. Porém, depois de receber o resultado dos exames, alguma coisa me dizia que seria melhor não deixar nada do que deixar um encarte para os trouxas da Macedônia. Seria difícil falar isso com tanta franqueza para donos de uma loja de discos especializada em *trash metal*, que usavam *spikes* do tamanho de um martelo. Então apenas me desculpei e disse que havia perdido os arquivos formatando o computador mais cedo.

— Ontem era a data final. Os caras da gravadora não quiseram mais esperar e tivemos de tirar fotos pra capa. Justamente o que a gente não queria.

Eles tinham todo um manifesto besta inspirado no *Dogma 95* do Lars Von Trier sobre não tirar fotos, não dar autógrafos - a parte realmente fácil -, não sair com *groupies* (ainda mais fácil) entre outras regras inúteis. Tudo pela pureza do som. Saí aliviado. Estava inteiro e minha integridade artística, intacta. Certo, eu não era nenhum artista, mas não queria meu nome naquele lixo.

Na volta pra casa passei pela João Pessoa, a rua mais *mod* de Porto Alegre, que cheira a qualquer coisa como naftalina. Algo me dizia que a Mariana poderia estar por ali, afinal, com aquele cabelo *mod*, ali era o endereço certo pra passear. Mas não estava. “Uma pessoa trabalhadora”, ela havia dito.

No domingo, acordei mais tarde. Minha irmã, milagrosamente, estava longe do computador. Baixei alguns discos de um *blog* ironicamente chamado *Os Discos que Você Precisa Ouvir Antes de Morrer*. Não achei muito engraçado, mas não fiquei deprimido. Apenas baixei. Minha mãe estava na cozinha e algo cheirava a queimado. Fui até lá já tentando lembrar o número da pizzaria mais próxima. Ela estava chorando, olhando para uma panela em chamas.

— É o prato preferido do teu pai e eu não consigo fazer...

— Não tem problema. O pai morreu, mãe. E aposto que ele não se importaria de pedir uma pizza...

— Ele era tão bonzinho, filho...

Ela começou a chorar e eu fiquei paralisado por um momento. Não sei confortar pessoas e apenas deixei que me abraçasse. Minha irmã veio ver onde era o incêndio e, quando viu a cena, revirou os olhos e saiu. Ela não era do tipo paciente. Quando a pizza chegou, cada um foi para seu canto. Não almoçávamos juntos há anos, não mudaríamos a tradição naquele dia.

Uma hora antes do combinado eu já estava pronto para encontrar com Mariana. Escolhi alguns discos para levar no *iPod*, mas deixei os fones no bolso. Quando finalmente chegou a hora, apertei o interfone de seu apartamento. Sem respostas. Tentei



mais duas vezes, igualmente sem sucesso. Não estava certo se era aquele número mesmo, então tentei os botões vizinhos. Nenhuma Mariana naqueles números. Já não fazia idéia de qual era o número certo então tentei quase todos. Num dos últimos, reconheci sua voz. Ela estava dormindo. Por alguma razão, que eu não consegui definir via interfone, ela havia se esquecido. Perguntou se eu queria subir. E eu subi.

Seu apartamento era o 214. Os outros dois vizinhos ostentavam plaquinhas de “bem-vindo” e “aqui mora uma família feliz”. No apartamento da Mari, não havia nada. Nem mesmo o número. Bati na porta e uma senhor de uns 118 anos atendeu.

— Já disse que não vou pagar nada, seu nazista! E some daqui antes que eu jogue água quente em ti. Eu fui pra guerra, ouviu bem? Vou te matar se tu não sumir daqui!

— Vô, peloamordedeus! Não é nenhum nazista. É meu amigo, tá?

— Eu conheço um nazista, Mariana. Conheço de longe!

— Não dá bola pra ele. Pode entrar, Júlio.

— Não quero incomodar.

— Bah, capaz. Não tá incomodando. Espera só um pouco que vou dar uma ajeitada no cabelo já volto, ok?

— Aham.

Eu não poderia dizer outra coisa, mas, se pudesse, pediria para que ela levasse o velho junto. Ele sentou no sofá do outro lado da sala e ficou me fuzilando com os olhos mais furiosos que eu já vira. Ele poderia ser o vocalista dos Trouxas da Macedônia. De vez em quando falava baixo:

— Eu conheço um nazista. Conheci a guerra, conheci os assassinos...

Ao menos, não buscou a prometida água quente.

Os pais da Mari estavam na casa de um parente que ela odiava, então o seu “castigo” era cuidar do avô. Ela não lembrou disso quando combinamos de sair. Perguntou se poderíamos ficar por ali até os pais dela voltarem. Não gostei muito da idéia, mas não tinha muitas opções, e aceitei. Ela voltou com o cabelo molhado, vestindo a camiseta de uma campanha de doação de sangue, calça preta e pantufas.

— Vamos lá pro quarto ouvir algum disco.

A proposta era duplamente boa. Fugiria do velho e ficaria a sós com ela. O ambiente não poderia ser mais triste. Não que ela fosse *dark*, ou coisa do tipo. Acho que nem mesmo se dava conta. Mas o fato é que o local era sufocante. A janela, pequena, dava para as costas de um prédio muito alto, ou seja, a





luz do sol era praticamente inexistente. Parecia ser o cômodo mais descuidado da casa. As paredes eram úmidas. As roupas ficavam num baú e não tinha cama, só um colchão de solteiro. Escrivaninha, computador, algumas fotos e muitos livros. Foucault, Nietzsche, John Fante, Victor Hugo, Platão, Nick Hornby, Quintana e centenas de outros mais. Ela botou um disco solo do Lou Reed no *CD player* e passamos uma boa meia-hora discutindo os títulos de sua biblioteca improvisada. E foi assim que começamos nosso pseudonamoro. Não foi o momento mais romântico da história dos namoros, nem o mais clichê. Foi comum. Pouco depois de nos beijarmos pela primeira vez, seus pais chegaram e eu voltei para casa.

CAPÍTULO SEIS

— Júlio, lamento dizer isto, mas tu tens, no máximo, duas semanas de vida.

— Mas o que aconteceu? A cirurgia não correu bem?

— Sim, nós retiramos o tumor, porém encontramos um outro problema. É algo no coração.

O médico continuou falando e falando. Não tive tempo de ouvir o resto, estava desmaiado.

De qualquer forma eu já não agüentava minha própria aparência. Os efeitos da quimioterapia haviam minado qualquer resquício de amor-próprio que eu pudesse ter. Sem um fio de cabelo no corpo, fraco, com olheiras profundas, eu deveria ser o pior pesadelo da Mari. Não apenas por fazer parte do seu tão odiado quadro de pacientes terminais, mas também por estar tão amedrontado.

— O dia em que você me encontrou lá em cima... eu sabia do câncer. Quer dizer, eu não estava certa, mas pela descrição na ficha e pelos sintomas que tu comentou... eu tinha conversado com o Dr. Michel sobre isso. Porque achávamos tão injusto. Tu



é uma criança, ainda...

— Menos, Mari. Por favor.

— Tô falando a verdade. É tão estranho que tudo isto tenha acontecido tão rápido...

— Não há nada de estranho. Eu te encontrei, tu sentiu pena de mim e entrou em um relacionamento única e exclusivamente por pena.

— O quê? Por que tá falando assim?

— Eu desconfiava que tu não sentia nada por mim, Mari. Mas agora tenho certeza. É tão óbvio. Esses meses em que estivemos juntos, foi tudo uma farsa, só porque sabia que eu ia morrer.

Ela estava chorando e eu nem sei o por quê de estar com tanto ódio. Mas eram tantas coisas ao mesmo tempo, os remédios, a anestesia, a cirurgia, o sangue. Deus, eu odiava sangue e agora tinha que conviver com aquilo diariamente. Então, quando eu estava saindo da cirurgia e ela me contou que sabia do câncer, tudo passou a fazer sentido. Por isso não tinha perguntado nada sobre os exames quando nos reencontramos naquela tarde.

Por isso havia sido tão legal comigo. Se você lembra bem, eu era *loser*, morava com minha mãe e irmã, saía com uns caras tão *losers* quanto eu. E aí ela chegou e mudou tudo isso. Não nos largávamos pra nada. Eu a acompanhava para o trabalho, depois

passávamos a tarde na Redenção, ou na orla, nas bibliotecas, ou na casa dela ouvindo música. Ela mostrava interesse pelas bandas de que eu gostava, pelos filmes que eu indicava. Mesmo os mais experimentais e considerados chatos por nove entre dez pessoas. Não brigávamos nunca e tudo parecia como aqueles comerciais de Dia dos Namorados. Assim como nos comerciais, tudo era uma grande farsa. E eu descobria agora.

— Não é porque eu tô nessa merda de hospital que tu tem que ficar aqui bancando a enfermeira-padrão.

— Júlio, eu nunca te vi assim. Quanta infantilidade, droga!

Eu fiz um pequeno escândalo, é verdade. Chamaram outra enfermeira para tomar conta de mim e a Mari saiu chorando, incrédula.

Eu tinha duas semanas de vida, uma mãe pirada, principalmente depois que soube do meu câncer, uma ex-namorada e uns inimigos que me odiavam por conta de meia dúzia de desenhos. Seriam duas semanas bem longas.



CAPÍTULO SETE

Há meses eu não sabia o que era um Marlboro.

— Dois pilas, né?

— Garoto, você não estava no hospital?

— Sim, mas agora tá tudo bem.

— Sei não. Acho que é melhor não voltar a fumar.

— Eu já disse que está tudo bem. Dá um Marlboro, por favor?

— Tu que sabe.

— Valeu.

O dono do mercadinho sempre me olhou com uma cara estranha, mas desta vez foi um pouco pior. De qualquer forma comprei um maço e voltei pra casa. Minha mãe estava no São Pedro, o hospício de Porto Alegre. Minha irmã, morando com o namorado. A casa, fechada há um bom tempo, começava a cheirar a mofo. Fui pro pátio brincando com o isqueiro, o que me fez pensar no Inferno. Eu nunca tinha me preocupado com este tipo de coisa, mas era algo a considerar a partir de agora.

Não que eu tivesse feito muita coisa errada, mas eu não era do

tipo cristão. Talvez isto contasse como ponto negativo. Mas, talvez, o Inferno não fosse muito ruim. Eu saberia em quatorze dias. Fumei e me senti tão melhor que pensei em ligar pra Mari. Ela não atendeu. Eu não queria passar a noite naquela casa, então parei no primeiro bar que encontrei. E bebi litros de tudo o que continha álcool. Feliz, dançava e cantava até mesmo os sons mais bregas que compunham a trilha do local. Quando me cansei daquele bar procurei outros e assim passei a noite toda. Estava vomitando no meio-fio, ao amanhecer. Ao menos não tinha passado a noite em casa. Não foi coincidência a Mari ter me encontrado vomitando por ali. Era seu caminho para o trabalho e eu sabia disso.

— Putaquepariu, Júlio. Por que tá fazendo isso?

— Ah, amor. Dá um beijinho aqui. Eu te amo, tu sabe.

A cada gargalhada que eu dava, ela ficava mais irritada. Acho até que me deu um tapa na cara quando tentei brincar passando a mão em suas pernas. Como todo bêbado, comecei a chorar em determinado momento. Ela pegou seu celular e avisou que não trabalharia naquele dia. Me levou pra sua casa, me atirou embaixo do chuveiro gelado e me obrigou a tomar um café horrível.

— Eu tenho vontade de matar metade dos pacientes. E tu



sempre soube disso. Por que, diabos, eu namoraria com um cara só porque ele é mais um de meus pacientes?

— Não sei.

— Eu gostei tanto de ti, porra. Desde o dia em que tu não tentou me salvar, lembra?

— Uhum.

Ela sorriu.

— Tu nunca notou como é bonito? Poxa vida. Eu te amo, vê se entende isso de uma vez por todas. Depois que nos conhecemos eu nunca mais pensei em morrer. Eu já não tenho mais medo, saca? Antes tudo era tão confuso, tudo parecia tão perigoso. Agora eu faço as mesmas coisas, vou aos mesmos lugares, e tudo parece tão certo. Até o trabalho no hospital. Tu foi o responsável por isso. Eu não tenho medo de seguir minha carreira. Tu é quem deveria ter sentido pena.

A Mari foi mesmo muito convincente e eu já não sentia mais pena de mim mesmo. Mais uma vez, parecíamos a dupla do comercial de margarina ou do Dia dos Namorados. Mas agora eu não tinha dúvidas. Era tudo real. Por mais clichê que pudesse parecer, eu sabia que era real. Não poderia me importar menos com o que os outros pensariam.



FINAL

Quando a parada chegou, ela estava do meu lado. No último andar do hospital. Segurava minhas mãos, como se tal gesto pudesse impedir que eu me juntasse ao desfile. Não podia, claro. Eu queria ficar mais um pouco com ela, mas havíamos aproveitado as semanas, e os meses, anteriores de modo que não fiquei tão triste.

Vi meu pai, vi três mulheres bem vestidas, uma banda marcial, uma multidão de rostos desconhecidos. Todos de preto.

— Neil Gaiman e Tim Burton adorariam — falei pra Mari.
Ela riu e limpou as lágrimas.

— Me conta mais. O que tu vê agora?

Mas eu não podia contar. Já estava muito afastado. E, de qualquer modo, não queria estragar a surpresa pra quando chegasse a vez dela se unir à parada. Chegaria pra todo mundo. E seria uma boa forma de ir embora.

FIM

THE BLACK
PARADE



SOBRE A BANDA

Gerard Way costumava ser ilustrador e trabalhar com animação, mas o fatídico 11 de setembro de 2001 mudou completamente seu modo de ver a vida. De repente, ele achou que era sua obrigação fazer algo da vida, algo que fizesse a diferença e montou My Chemical Romance, a banda seminal para o movimento Emo. Morte, doença, desilusões e desgraças em geral dão o tom das letras e canções dos três discos lançados até agora, desde 2002. Além das óbvias referências musicais, o som do My Chemical Romance namora com tendências que vão do *classic metal* ao gótico.

Formada por Way, Ray Toro (guitarra), Frank Iero (guitarra), Bob Bryar (bateria) e Mikey Way (baixo), tendo perdido Matt Pelissier (o primeiro baterista) pelo caminho, a banda nasceu em Nova Jersey e retirou seu nome da alusão à heroína que o escritor Irvine Welsh fez em dois de seus romances, *Trainspotting* e *Porno*.

CRÉDITOS ORIGINAIS

THE BLACK PARADE - MY CHEMICAL ROMANCE

Direção de arte por Ellen Wakayama & Gerard Way

Design por Matt Taylor

Ilustrações por James Jean

Fotografia por Christian Anthony

Lançado em outubro de 2006

Selo: Reprise

Produzido por Rob Cavallo & My Chemical Romance

Para mais informações sobre My Chemical Romance, visite:

www.mychemicalromance.com



THE BLACK
PARADE

SOBRE A AUTORA

Márcia Lima é gaúcha, tem vinte e poucos anos, é estudante de jornalismo e escreve sobre música para o site da revista *Laboratório Pop*. Também é colunista do *Sedentário & Hiperativo* e estagiária do site portoalegrense *Queb.com.br*, além de participar do fanzine gaúcho *Lover's Rock*. Com o tempo que sobra, administra suas obsessões por cinema, bandas novas e internet.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

THE BLACK
PARADE



41 THE BLACK PARADE

MY CHEMICAL ROMANCE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. THE END
2. DEAD!
3. THIS IS HOW I DISAPPEAR
4. THE SHARPEST LIVES
5. WELCOME TO THE BLACK PARADE
6. I DON'T LOVE YOU
7. HOUSE OF WOLVES
8. CANCER
9. MAMA
10. SLEEP
11. TEENAGERS
12. DISENCHANTED
13. FAMOUS LAST WORDS
14. BLOOD

